

**O CORAÇÃO DO CIRCO TAMBÉM FAZ CIRCULAR SERRAGEM NAS  
VEIAS DA UNIVERSIDADE: CONHECIMENTO TRADICIONAL E  
CONHECIMENTO CIENTÍFICO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA<sup>1</sup>**

**THE HEART OF THE CIRCUS ALSO PUMPS SAWDUST THROUGH THE  
VEINS OF THE UNIVERSITY: TRADITIONAL KNOWLEDGE AND  
SCIENTIFIC KNOWLEDGE IN THE UNIVERSITY**

**EL CORAZÓN DEL CIRCO TAMBIÉN HACE CIRCULAR SERRÍN POR LAS  
VENAS DE LA UNIVERSIDAD: EL SABER TRADICIONAL Y EL SABER  
CIENTÍFICO EN LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA**

Elizandra Garcia da Silva<sup>1</sup>

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa<sup>2</sup>

Samuel Luís Santos<sup>3</sup>

Giovanna Mozart de Souza Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** O objetivo desse relato foi apresentar e analisar o trabalho realizado no projeto de extensão Prax-circense, em particular o trato realizado no interior desse projeto entre o conhecimento tradicional e científico das atividades circenses. Para tal nos utilizamos da memória do projeto, grafada nos relatórios finais, colocada a luz da literatura da área. Consideramos, de forma provisória, que, os conhecimentos tradicionais trazidos pelos artistas, no interm de cinco anos, foi problematizado, incorporado e superado em formas de ensino cada vez mais elaboradas pedagogicamente, possibilitando o acesso e a formação artística dos comunitários.

<sup>1</sup> Pós-doutorado, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestrado em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduação Licenciatura em Educação Física, pela UEM. Profa. Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Projeto de Pesquisa e de Extensão Prax-circense/CNPQ/PROEX/UFF. [elizandragarcia@hotmail.com](mailto:elizandragarcia@hotmail.com) <https://orcid.org/0000-0002-1580-156X>

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação UFF (FEUFF), Residência Multiprofissional em Saúde em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente pelo Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP), Especialização em Atendimento Educacional Especializado pela Unintese, Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4313-0783> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3744939432797371> Endereço eletrônico: [ingridamorim@id.uff.br](mailto:ingridamorim@id.uff.br)

<sup>3</sup> Graduando em Educação Física pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista PIBIC/CNPQ. [samuelluisantos@id.uff.br](mailto:samuelluisantos@id.uff.br)

<sup>4</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Educação UFF (FEUFF), Especialista na área de atenção à saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente pelo Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário Antônio Pedro - Universidade Federal Fluminense (HUAP/UFF). Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Iguaçú. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5418-7040> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6335994688684483> Endereço eletrônico: [giovannamozart@id.uff.br](mailto:giovannamozart@id.uff.br)

**Palavras-chave:** Extensão universitária. Conhecimento tradicional. Conhecimento científico. Atividades circenses.

**Abstract:** The aim of this report was to present and analyze the work carried out in the Prax-circense extension project, particularly the project's approach between traditional and scientific knowledge of circus activities. To do so, we have used the memory of the project as recorded in the final reports, in the light of the literature of the field. Our preliminary assessment is that, over the course of five years, the traditional knowledge brought by the artists has been problematized, incorporated, and transcended in increasingly pedagogical forms of teaching. This has allowed access and artistic training for community members.

**Keywords:** University extension. Traditional knowledge. Scientific knowledge. Circus activities.

**Resumen:** El objetivo de este informe fue presentar y analizar el trabajo realizado en el proyecto de extensión Prax-circense, en particular el acercamiento adoptado dentro de este proyecto entre el conocimiento tradicional y científico de las actividades circenses. Para ello, utilizamos la memoria del proyecto registrada en los informes finales, a la luz de la literatura de campo. Consideramos, de manera provisional, que los conocimientos tradicionales traídos por los artistas a lo largo de cinco años han sido problematizados, incorporados y superados en formas de enseñanza cada vez más elaboradas pedagógicamente, posibilitando el acceso y la formación artística de los miembros de la comunidad.

**Palabras clave:** Extensión Universitaria. Conocimientos tradicionales. Conocimiento científico. Actividades circenses.

# 1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse relato foi apresentar e analisar o trabalho realizado no projeto de extensão Prax-circense, em particular o trato realizado no interior desse projeto entre o conhecimento tradicional e científico das atividades circenses.

Inaugurado em 2018 o projeto de extensão Prax-circense, realizado no Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, sempre esteve com suas lonas abertas à comunidade. Nesses cinco (5) anos, o Prax-circense acolheu sob suas lonas professores e acadêmicos (Educação Física, Artes, Pedagogia e Cinema), artistas (palhaço, pernaltas, malabaristas, monociclistas, equilibristas em *slackline*, dentre outros) e outros comunitários, esses, desprovidos tanto do conhecimento científico quanto do tradicional, mas motivados pelo aprendizado das atividades circenses.

Desde os primórdios do projeto partimos do princípio que, ao nos reportarmos à totalidade do conhecimento produzido e reproduzido pela humanidade, reconhecemos que este não se constitui uma exclusividade do ambiente acadêmico.

Assim, entendemos haver outros locais de produção e reprodução do conhecimento, historicamente comprovados por sua prática social, constituído de forma prático-material, sendo as lonas circenses um deles. Esse entendimento nos leva aos calorosos aplausos<sup>1</sup>, em reconhecimento a todo o conhecimento tradicional produzido, acumulado e transmitido durante os milhares de anos e que segue vivo, permitindo que o coração do circo siga pulsando, fazendo pulsar os nossos corações e “circular a serragem”, também nas veias da Universidade (CERÍCOLA, 2020).

Nesses milhares de anos de história da cultura corporal e, em particular, a cultura corporal circense, entendemos que alçarmo-nos a problematizar, estudar, instrumentalizar, sistematizar e ensinar circo na extensão universidade, incorporando o conhecimento tradicional e buscando superá-lo, foi arriscado, mas a arte circense envolve risco, um risco idealizado, pensado e controlado, minimizado pelos artistas; nesse sentido, e sempre primando pelo trabalho coletivo no interior do projeto, nos lançamos nesse voo.

Com vias a conduzirmos os olhares contemplativos dos leitores, estruturamos esse manuscrito em: partimos de um breve histórico acerca da extensão universitária no Brasil, destacando os pontos considerados fundamentais para as análises do projeto Prax-circense, inserido nesse curso histórico. Passamos pelo relato e análise do trabalho extensionista realizado no interior do projeto, lonas que abarcam o conhecimento tradicional e científico, a luz dos estudos de Paulo Freire, Adriano Nogueira e Dermeval Saviani. Por fim realizamos algumas considerações, entendidas como temporárias e cedentes de aprofundamentos.

## **2 A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL; BREVES APONTAMENTOS HISTÓRICOS**

Para objetivarmos analisar o trato dado ao conhecimento tradicional pelo coletivo do projeto de extensão universitária Prax-circense, pensamos ser importante realizarmos um breve resgate histórico acerca da extensão em nosso país.

Os estudos de Medeiros (2017) evidenciaram que desde a primeira década do século XX já havia registros de atividades que podem ser caracterizadas como extensionistas na Universidade de São Paulo/USP, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa e na Escola Agrícola de Lavras.

No âmbito legal esses registros são datados de 1931 e em 1961 passa a configurar na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, entendidas como transmissão do conhecimento e assistência (MEDEIROS, 2017).

A autora (2017) afirmará ainda que, a partir da década de 1970, o Ministério da Educação/MEC e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras/CRUB, dispõe de tentativas de definição de um conjunto de conceitos alusivos à extensão, mas ainda ligada ao oferecimento de cursos ou prestação de serviços o que para a autora é limitante no alcance da plena ação acadêmica (MEDEIROS, 2017).

Entre as décadas de 1960 – 70 a União Nacional de Estudantes/UNE cumpriu importante papel na realização de ações extensionistas, por todo país, até serem cooptadas e institucionalizadas, quando do golpe militar de 1964, e, colocadas no bojo dos projetos

e programas de crescimento e desenvolvimento econômico nacional, sequenciados por anos, sendo emblemático o Projeto Rondon (SILVA et al., 2022).

Buscando elementos históricos nos estudos de Nogueira, Medeiros (2017) registrou a importância da criação, na década de 1980, do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras/FORPROEX. Alinhados às autoras pontuamos avanços da concepção de extensão, em especial ao registrar que o seu compromisso social deveria ser auxiliar na resolução dos problemas sociais mais urgentes da maioria da população, entendidas por nós como a classe trabalhadora, preconizou a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, e, essencial a esse estudo; “[...] o reconhecimento do saber popular e a consideração da importância da troca entre este e o saber acadêmico [...]” (NOGUEIRA, 2001, apud MEDEIROS, 2017, p. 12).<sup>2</sup>

Essas transformações na extensão superaram o entendimento assistencialista e de oferecimento de cursos e, ancorados na indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, encaminhou a extensão para a compreensão de ações educativas. Apesar desses avanços, críticas à forma arcaica com a qual o governo trabalha a extensão na década de 1990 são realizadas, inclusive sobre o disposto pela Lei de Diretrizes e Bases/LDB (NOGUEIRA, 2001, apud MEDEIROS, 2017).

Cabe destacar ainda, carente de aprofundamento na discussão, a meta do Plano Nacional de Educação, não atendida em tempo, mas em curso na atualidade, da curricularização da extensão, num quantitativo de 10% da carga horária dos componentes curriculares. Entendemos essa planificação educacional na esteira mundial de uma tentativa de formação pela prática, da prática pela prática, que, no ínterim das disputas, poderá escamotear 10% de conhecimento que dantes conformava cada um desses componentes.

Nesse contexto, e considerando o breve percurso histórico grafado, analisaremos o projeto de extensão Prax-circense.

### **3 RUFEM OS TAMBORES! A UNIVERSIDADE ORGULHOSAMENTE APRESENTA: O PROJETO PRAX-CIRCENSE!**

Para analisar o Projeto de extensão supracitado, se faz pertinente, primeiramente, reiterar a concepção de Universidade, calcada sobre o tripé, composto, indissociavelmente, por ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, um dos alicerces em que são baseados os processos de ensino superior, é justamente a extensão universitária. Porém, esse alicerce não se concretiza individualmente, e sim, na totalidade desse sustentáculo, logo, não apreenderemos nesses escritos a extensão segregada do ensino e da pesquisa.

Comumente é defendido a indissociabilidade desse tripé, porém, produto de inúmeras determinações sociais, que se materializam no interior da Universidade, historicamente, podemos observar que, ensino, pesquisa e extensão são apreendidos individualizadamente, e que, na tentativa de síntese, se exerce o somatório dessas partes, ocasionando disparidade com a noção de totalidade, que se constitui a Universidade pública.

Para Saviani (1991), de forma inquestionável, e até sinônima, é apreendido o ensino no interior da universidade; na esteira da lógica produtivista, se localiza a pesquisa e seus produtos; enquanto recai à extensão, os atributos de caridade e assistencialismo, como rememorou Mori (2017), embasado em Saviani:

[...] o autor aponta que a atividade tem se realizado, via de regra: 1) de forma inconstante, quer dizer, esporadicamente, por ser tomada como a “prima pobre” do ensino e da pesquisa; 2) segundo uma visão unidirecional, como um favor prestado à sociedade.

Ancorados no pressuposto da concreta indissociabilidade deste tripé, iniciamos o relato acerca do projeto de extensão Prax-circense: em 2018, por ocasião da chegada à Universidade Federal Fluminense da docente da disciplina de Acrobacias e Malabarismos, trasladada em Ginásticas e Atividades Circenses, e, atual coordenadora do

referido projeto de extensão, emergiu a necessidade de ampliação do trabalho com as atividades circenses no sentido do compromisso com o tripé da Universidade.

À época, o conhecimento das atividades circenses se encontravam restritos a essa disciplina e, após observações da existência de práticas corporais que constitui as atividades circenses, realizadas de forma isoladas por estudantes da UFF e comunitários do entorno, emergiram as primeiras ideias de inauguração de um projeto de extensão que pudesse acolher sob as lonas da Universidade essas práticas e configurasse como um espaço de troca entre os conhecimentos tradicional, formativo das práticas observadas, e científico, em curso no interior da disciplina; assim nasce o Prax-circense! (NITERÓI, 2018; 2019).

Ainda no formato de fluxo contínuo, ou seja, sem ser submetido ao edital anual para concorrência de bolsa, a coordenadora reuniu um modesto coletivo, composto por um professor de Educação Física, um palhaço (estudante de Pedagogia da UFF) e outros estudantes e comunitários, e divulgou, em forma de oficina, o projeto no Bandeirão (restaurante universitário). A partir da semana seguinte o projeto passou a ser realizado, chegando a ter mais de 100 participantes em cada uma das duas aulas semanais. (NITERÓI, 2019).

Conforme já relatado, o objetivo dessa, e da segunda edição do Prax-circense, já em 2019 e com bolsista, foi essa troca do conhecimento entre o tradicional e o científico, relação essa que perpassa todos os cinco (5) anos do projeto, e, portanto, objetivo das análises deste manuscrito. (NITERÓI, 2018; 2019; 2020; 2021; 2022).

Na esteira da compreensão de extensão que aspiramos trilhar nesses escritos insetamos os questionamentos e escritos de Paulo Freire. Para tal partimos dos estudos de Mori (2017) que registrou a importância da obra de Paulo Freire (1977) sobre extensão, síntese do trabalho realizado no Chile, na década de 1960, onde refletia sobre a extensão rural, as relações e contradições entre o agrônomo (técnico em agropecuária), detentor dos conhecimentos científicos, e os camponeses, detentores dos conhecimentos tradicionais. Ambos sujeitos daquele processo, que, imbuídos cada qual de seu conhecimento, estabeleceram relação de conflito.

Ao problematizar Extensão ou comunicação?, esse autor também questionou o entendimento de extensão e analisou a prática extensionista daquele país entre os agrônomos e os trabalhadores rurais. Sua defesa de extensão como comunicação forneceu elementos para um diálogo entre o autor, Saviani e Adriano Nogueira, publicado sob o título Interloquções pedagógicas e, posteriormente, para Saviani, elaborar Extensão Universitária: uma abordagem não extensionista, conjunto teórico esse, que, por via de leituras secundárias <sup>3</sup>, embasaram esse relato.

Primeiros do que há de mais avançado em compreensão e prática extensionista ao nível nacional, estão os estudos de Freire (1977). O autor inicia Extensão ou comunicação? Resgatando o entendimento de extensão como estender algo à alguém, ao qual realiza críticas, com as quais temos acordo. A compreensão de estender algo a alguém, do agrônomo para os trabalhadores rurais, pressupõe que somente há algo a ser estendido por parte de quem estenderá, ou seja, pelo agrônomo, criticado pelo autor sob os argumentos de coisificação do agricultor, prática repulsiva da teoria da libertação defendida pelo autor, pois

desta forma, o termo extensão não coincide e não corresponde a um fazer educativo libertador do Agrônomo como extensionista. Pois, dentro da perspectiva humanista o papel dos homens é serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizam. E na proposta da extensão existe uma conotação extremamente mecanicista que está implícita no ato da extensão: levar, transferir, entregar, depositar. Ou seja, tem um que sabe e um que desconhece (FERREIRA, s.d., p. 01).

Radicalizando as críticas freirianas a luz do marxismo, acrescentamos que tal compreensão também aniquila a premissa de atividade social, por meio do trabalho, educativo, em que, ao mesmo tempo, em que é transformada a natureza, a realidade social, também o sujeito que a transforma é transformado, ontologicamente (ENGELS, 1990). Referencial em que são fincados os mastros do projeto Prax-circense, portanto, consideramos que o trabalho educativo realizado contribuiu com a formação artística dos comunitários e também da equipe executora. (NITERÓI, 2018; 2019; 2020; 2021; 2022).

Emaranhados ainda na obra de Freire (1977) evidenciamos a conotação qualificada pelo autor por mecanicista, desse processo, por haver no modal de extensão vigente à época, e não

totalmente superado, a compreensão da existência de um sujeito que sabe e outro que desconhece, mediados por contradições.

Sobre essa relação, não dialética, entre o sujeito que desconhece, opositor ao conhecedor, há duas questões para trazermos ao centro do picadeiro: a primeira é nessa compreensão de extensão se toma como denominador comum o conhecimento acadêmico/científico, e se invisibiliza o conhecimento tradicional; e, a segunda, desprendida dessa, está a desconsideração das necessidades da própria comunidade atendida, os problemas concretos que vivenciam e que carecem da participação social da Universidade para sua resolução.

Distinto dessa compreensão mecanicista, Freire, ao tratar do conhecimento, como bem cultural produzido e acumulado socio historicamente, primou pela conservação da produção já existente historicamente e sinalizou para a necessidade de sua superação, como resenhou Ferreira (2001, p. 02 – grifo da autora)

[...] é preciso ir trabalhando e construindo a nova mentalidade sobre a velha estabelecida. É preciso dar importância à consciência histórica e o domínio cultural: 'que o homem não é apenas o que é, mas também o que foi'.

Esses pressupostos do pensamento freiriano são essenciais para abordarmos e discutirmos o trato que o Prax-circense realizou com o conhecimento tradicional, esse conhecimento que é histórico, e que foi sendo transmitido, pela oralidade, numa escola permanente, como denominou Silva (1996), que deve ser problematizado, instrumentalizado, sistematizado e dosado para o ensino intencionalmente pensado (SAVIANI, 2003).

Numa tarde de conversa entre Freire, Nogueira e Saviani, posteriormente registrado em livro, as posições acerca da importância do conhecimento tradicional e de dar voz à comunidade, vão sendo expostas de forma mais evidente:

[...] para que a universidade se insira efetivamente na sociedade de modo consequente, é necessário que se considere a mão inversa também. Com efeito, é a sociedade que vai colocar os problemas; e é o contato com os problemas efetivos da sociedade que vai permitir à universidade transformar os objetos de suas pesquisas em algo relevante para a sociedade e adequar o ensino

às necessidades da sociedade. (SAVIANI, 2010, apud MORI, 2017, p. 92).

Dessa forma, a extensão se estrutura de forma dialética. Então, qual foi esse principal problema que emergia da relação do Prax-circense com a comunidade? Em partes, essa resposta está na continuidade do diálogo entre esse trio de pensadores, mas consideramos importante sua apresentação. Ao objetivar a troca dos conhecimentos entre a equipe executora e a comunidade, em especial os artistas que a compunham, o principal problema emergente foi como tratar o conhecimento tradicional trazido pelos artistas e aprendidos em suas relações prático-materiais. Sobre o conhecimento tradicional de circo, os estudos de Silva (1996) registraram ser característica de sua transmissão a oralidade, por meio da qual foi sendo perpassado de geração em geração. A criança circense, desde pequena, já vai aprendendo na vida do circo a ser artista (SILVA, 1996).

Com algumas particularidades, fomos levantando junto aos artistas comunitários do projeto sobre o aprendizado de sua arte e a oralidade ocupou lugar de destaque. Vale registrar que esses artistas não vinham de famílias circenses e nem das lonas, e que, em sua maioria, exercia uma única atividade, como o monociclo, a perna de pau ou um conjunto de manipulação de objetos. Além do aprendizado via oralidade, muitos acessaram sua arte via observação da prática por outras pessoas e tentativa de reprodução, o que se distingue da sistematização pedagógica que o projeto buscava realizar para a formação artística dos comunitários atendidos.

Diante disso, nos imbuíamos da tarefa de como problematizar o conhecimento tradicional no sentido de incorporá-lo e alçar saltos, em especial no sentido de sistematizar o ensino das atividades. (NITERÓI, 2018; 2019). E, nas palavras de Saviani (2008, p. 131)

[...] não é a apresentação de novos conhecimentos por parte do professor (pedagogia tradicional) nem o problema como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (pedagogia nova), mas é a problematização, isto é, o ato de detectar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e como a educação poderá encaminhar as devidas soluções.

E, “[...] em consequência, que conhecimento é necessário dominar”, que não se domina e que é necessário ser dominado: o de como sistematizar pedagogicamente o conhecimento tradicional das atividades circenses, buscando prestar-lhes nexos científicos, para ser possível o ensino na extensão universitária (SAVIANI, 2008, p. 80).

Para melhor qualificar esse problema cabe rememorar que o coletivo extensionista era composto por professores, artistas (palhaço, pernaltas, malabaristas, monociclistas, equilibristas em *slackline*, dentre outros) e demais comunitários (interessados na formação artística em atividades circenses), ou seja, reuníamos, sob a mesma lona, o conhecimento tradicional e científico, carentes de pedagogização para ser do acesso do conjunto mais ampliado dos comunitários atendidos. Diante disso, a necessidade de transformações foi constatada e inserida na metodologia elaborada para, no interior do coletivo extensionista, buscarmos a resolução do problema, qual seja, a sistematização pedagógica do ensino (NITERÓI, 2018; 2019).

Em termos metodológicos, o planejamento anual e as aulas, foram postos em constante modificação. A cada semana o ensino das atividades circenses era realizado ora pelos professores, ora pelos artistas. Ao término de cada semana esse ensino era problematizado por todo o coletivo do projeto. Particularmente, aos professores, era latente a carência do conhecimento dos objetos da arte de cada artista do coletivo, explicado por duas questões majoritárias: ser a docência na disciplina e o projeto muito jovens e carentes de ampliação e aprofundamento de estudos, e, pela falta dos próprios materiais (perna de pau, monociclo, tecido, malabares variados, *slackline* e outros). Já por parte dos artistas havia dificuldade em aprender e pensar o conhecimento de forma sistematizada, buscando facilitar seu ensino, e, acessá-lo pela via pedagógica, uma vez que aprenderam sua arte pela via tradicional, prático-material (NITERÓI, 2018; 2019).

Problematizadas essas questões visamos criar instrumentos-procedimentos/seqüências pedagógicas-facilitadoras do aprendizado, e, portanto, da formação artística da maioria do coletivo que compunha o mesmo. Assim, in-corporamos o conhecimento tradicional e tivemos em vista ir lhes adornando de determinações, na esteira da busca por um saber mais qualificado e que elevasse o nível da formação artística do coletivo, pois, conforme Saviani (2008, p. 103) instrumentalizar significa a “apreensão

[...] dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. [...] que a práxis do professor deve ir de encontro com o aluno, na sua constituição social [...]”.

Constituinte dessa sistematização iniciamos pela exploração dos materiais; tocar, experimentar possibilidades, verificar elasticidade, equilíbrio, medidas, peso e outros. Na sequência passamos a imitar a execução em solo: equilíbrio sobre uma corda, depois sobre espumas, montar no monociclo, puxar o tecido dos lados opostos, travar o mesmo nos pés, dentre outros. Para, posteriormente, acessarmos as atividades em si; realizadas tendo colegas feitos de apoio, mas também utilizando apoio nas paredes, arvores, cordas que ligavam arvores nas outras e possibilitavam segurança para as pernas de pau com maior altitude, dentre outros.

Entendemos que essa forma de trabalho foi acertada e permitem que o projeto Prax-circense siga sendo realizado e se consolidado no interior da Universidade, pois, como dialogaram Freire, Nogueira e Saviani

E é também este contato que vai permitir que se elabore o saber que já está presente na comunidade, que já está presente nas massas, de tal modo que ela seja uma força viva que contribua para elevação geral do nível de vida desta sociedade. [...] a questão da elaboração do saber é fundamental porque em verdade tudo aquilo que uma sociedade elabora, tudo aquilo que uma sociedade produz, ela retira dela mesma; e a fonte básica de existência dos homens é dupla: a natureza que fornece matéria-prima e o trabalho que elabora essa matéria-prima gerando aqueles bens que não são dados diretamente pela natureza. Ora, o saber também deriva daí; o saber deriva dessa relação dos homens com a natureza e dos homens entre si; portanto, o saber deriva do trabalho. Então o saber deriva da prática; são aqueles que estão com a mão na massa que conhecem realmente a massa. [...] Quem sabe efetivamente é a massa. É daí, então, que é extraído o saber e é elaborado e formulado em nível erudito, passando a constituir a tradição cultural da humanidade (SAVIANI, 2010, apud Mori, 2017, p. 92).

Abarcando, sob as lonas da universidade, conhecimento tradicional e erudito, descartamos qualquer possibilidade de oposição entre a prática corporal circense tradicional, ensinada por transmissão oral durante a história das diversas gerações das famílias<sup>4</sup> circenses, e a prática corporal circense, institucionalizada, ensinada por

docentes, nos diversos níveis de ensino e a qual é apreendida da cultura popular e estudada, problematizada e sistematizada, assim como nos ensinou Libâneo (1985, p. 40), que propunha referendar a postura pedagógica que não estabelecesse

[...] oposição entre cultura erudita e cultura popular ou espontânea, mas uma relação de continuidade em que progressivamente, se passa da experiência imediata ao conhecimento sistematizado.

Nesse mesmo sentido Saviani (2009) analisou essa visão dicotômica de cultura, destacando que por cultura erudita é entendida aquela letrada, elitizada e intelectualizada, enquanto a popular é vista como pragmática, imediatista e difusa. Por essa ótica, local da cultura erudita, se afasta da cultura das massas, da cultura popular, fragmentando a cultura, e invisibilizando a visão de sua totalidade. calcado sob o materialismo histórico dialético, Saviani (2009) sinaliza para a necessidade de superação dessa reificação, de raízes na divisão social do trabalho, entre o trabalho braçal e intelectual, para permitir à humanidade o acesso à cultura, em sua totalidade, premente para a formação ontológica, do gênero humano (LUKÁCS, 2004). Para Saviani (2009, apud MORI, 2017, p. 92grifos do autor) somente essa superação será capaz de permitir que

[...] a universidade irá atentar para as complexas relações que essas “culturas” mantêm entre si; irá examinar como, num processo contraditório, elas se entrelaçam constituindo o todo social e apontando para um fundo comum onde se pode captar a essência do processo cultural enquanto modo historicamente determinado de produção da existência concreta dos homens. Irá, sobretudo, perceber que a própria oposição entre “cultura erudita” e “cultura popular” é já expressão da “reificação” da cultura, “reificação” esta que impede ver por detrás da “cultura” as relações inter-humanas que a construíram e a estão construindo a cada instante; em consequência, impede distinguir entre a forma e o conteúdo da cultura (em princípio, um conteúdo erudito pode ser expresso de forma popular e vice-versa).

Imbuídos do problema identificado no interior do projeto, apreendidos ambos conhecimentos que dispúnhamos, denominado por Saviani do já conhecido, passamos a sentir a necessidade de ampliarmos e nos aprofundarmos no desconhecido, ao recordar Mori (2017, p. 89) de Saviani:

[...] se a pesquisa é incursão no desconhecido [...] também é verdade que: primeiro, o desconhecido só se define por confronto com o conhecido, isto é, se não se domina o já conhecido, não é possível

detectar o ainda não conhecido, a fim de incorporá-lo, mediante a pesquisa, ao domínio do já conhecido. [...] Sem o domínio do conhecido, não é possível incursionar no desconhecido. E aí está também a grande força do ensino tradicional: a incursão no desconhecido fazia-se sempre por meio do conhecido, e isso é muito simples: qualquer aprendiz de pesquisador sabe muito bem que ninguém chega a ser pesquisador, a ser cientista, se ele não domina os conhecimentos já existentes na área em que ele se propõe a ser investigador, a ser cientista. Em segundo lugar, o desconhecido não pode ser definido em termos individuais, mas em termos sociais, isto é, trata-se daquilo que a sociedade e, no limite, a humanidade em seu conjunto desconhece.

Ou seja, partindo dos conhecimentos já conhecidos, no âmbito tradicional e científico, buscamos pelos conhecimentos desconhecidos, e que pudessem nos forjar subsídios para o trabalho pedagógico com os conhecimentos tradicional e científico, e, a partir dos ensinamentos desse autor, demos início ao Grupo de Pesquisa Prax-circense/UFF/CNPq (NITERÓI, 2020).

Relatado o trabalho realizado no Projeto Prax-circenses avaliamos a sustentação do tripé da Universidade pública, em que pese as disparidades cronológicas entre o ensino disciplinar, de onde emergiu a necessidade da extensão que, por sua vez, nos encaminhou à pesquisa. Pautados no embasamento dos estudos de Mori (2017) acerca da extensão universitária, entendida a partir de Freire e Saviani enquanto comunicação, sentimo-nos completados com a afirmação de que a comunicação do conhecimento é necessária para reproduzi-lo, pois

[...] na medida em que a atividade de extensão pode facilitar o contato da comunidade com bens materiais e imateriais, associados à cultura erudita, e suas aplicações. Se tal contato propicia ou facilita a apropriação dessa cultura, promovendo novas leituras de mundo por parte da população em questão, instaura-se um processo educativo. Também, ao dispor-se para um público mais amplo que o público propriamente universitário, o próprio conhecimento acadêmico evolui para formas mais assimiláveis, pedagogizando-se; (MORI, 2017, p. 93).

Aborda ainda o autor, acerca do conhecimento tradicional e erudito, que nas atividades extensionistas,

Comunicar o conhecimento é necessário para produzi-lo por que, existindo um vínculo dialético entre cultura erudita e cultura popular, o estabelecimento de uma relação bidirecional (de diálogo, de reciprocidade) entre os saberes acadêmicos e os saberes de um público mais amplo é frutífero para ambos. Além de nutrir-se dos conhecimentos da comunidade, o conhecimento sistematizado pode facilitar com que a cultura popular se sistematize e, assim, ascenda ao nível da cultura erudita. (MORI, 2017, p. 93).

Pois, apreendidos os ensinamentos de Freire e Saviani, essa incorporação do já produzido é necessária para a formação do novo, para trilhar a emancipação humana, o ensino no sentido da humanização, da formação humana, omnilateral, analisada nesse manuscrito no seio do projeto de extensão Prax-circense (KOCHHANN, 2021).

## **O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Em vias de considerar, reafirmamos entender o conhecimento e a extensão em constante movimento, e, nesse embalo, entendemos essas considerações como provisórias e sínteses de múltiplas e contraditórias determinações.

Resgatamos que o objetivo desse relato foi apresentar e analisar o trabalho realizado no projeto de extensão Prax-circense, no decorrer de seus cinco anos de existência, em particular o trato realizado no interior desse projeto entre o conhecimento tradicional e científico das atividades circenses.

A luz da memória do projeto, grafada nos relatórios finais, e da literatura da área considerados que o coletivo do projeto Prax-circense realizou um trabalho ancorado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, entendidos em sua totalidade, no âmbito universitário e sobre os quais foram abordadas contradições que os permeiam, bem como reafirmados os princípios sobre os quais se calca o projeto analisado.

Reconhecemos que, mesmo desprovidos da fundamentação e discussão, no sentido da dialética entre os conhecimentos tradicional e científico, realizada nesse manuscrito, o coletivo do projeto manteve latente essa relação dialética, não sobrepujando um ao outro conhecimento, que foi sendo problematizado, desde suas vias bases do ensino, a tradicional e a pedagógica, instrumentalizado (fundado na práxis) e percorrendo passadeiras que os levaram, cada vez mais a saltos no sentido do ensino de um conhecimento mais elaborado, possibilitando o acesso e a formação artística dos comunitários.

Enquanto professores, comprometidos com o ensino do conhecimento produzido pela humanidade e com a Universidade pública, integrantes da equipe executora, avaliamos termos sido mantenedores das tarefas que Saviani (2008, p. 07) atribuiu ao professor, quais sejam:

a) identificação das formas mais desenvolvidas em que se expressa o saber objetivo produzido historicamente, reconhecendo as condições de sua produção e compreendendo as suas principais manifestações bem como as tendências atuais de transformação; b) conversão do saber objetivo em saber escolar de modo a torná-lo assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares; c) provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção bem como as tendências de sua transformação.

Diante de tal relato, consideramos que, a serragem, do circo tradicional, é essencial, para circular o sangue no interior da Universidade, que esse processo é dialético, e que somente calcado o ensino extensionista sobre esse princípio será possível que o ensino das atividades circenses siga pulsando, permitindo que a Universidade e a comunidade sejam oxigenadas, e se apresentem em espetáculos cada vez mais condizentes com as necessidades de formação humana, omnilateral e ontológica.

## REFERÊNCIAS

CERICOLA, Angela. Pluriverso de Formações em Circo; perspectivas de formação em circo no Brasil. **Seminário Internacional Circo em Rede**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UChYTQoITwdMICQOmvzJJyiw> e <https://www.facebook.com/sem.int.circoemrede>. Acesso em: 08 de novembro de 2023.

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 1990.

FERREIRA, Márcia Regina. **Resenha crítica da obra Extensão ou comunicação?**. Disponível em [resenha\\_paulo\\_freire.pdf](#) (projetovidanocampo.com.br). Acesso em: 02 de novembro de 2023.

KOCHHANN, Andréa. **Extensão universitária: constructos contra-hegemônicos**. Goiânia: Kelps, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1985.

LUKÁCS, Gyögy. **Ontologia del ser social: el Trabajo**. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MEDEIROS, Márcia Maria. A extensão universitária no Brasil- um percurso histórico. **Revista Barbaquá/UEMS - Dourados - MS**, vol. 01, n. 01, p. 09-16, jan-jun 2017.

MORI, Rafael Cava. Comunicar O Conhecimento Para (Re)Produzi-lo: O Lema Da Extensão Universitária. **Rev. Cult. Ext. USP**, São Paulo, v. 17, p. 83-95, mai. 2017.

NITERÓI. Relatório final projeto de extensão Prax-circense. 2018.

\_\_\_\_\_. Relatório final projeto de extensão Prax-circense. 2019.

\_\_\_\_\_. Relatório final projeto de extensão Prax-circense. 2020.

\_\_\_\_\_. Relatório final projeto de extensão Prax-circense. 2021.

\_\_\_\_\_. Relatório final projeto de extensão Prax-circense. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 10 ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, E. O circo: sua arte e seus saberes. Dissertação (Mestrado em história). UNICAMP, Campinas, 1996.

SILVA, E. G. da, Silva, T. G. da, Melo, M. P. de, Ramiro, C. H. L., & Mourão, A. R. B. (2022). A exploração do capital na Amazônia e a abordagem da Educação Ambiental nos documentos curriculares nacionais. **Revista Brasileira De Educação Ambiental**, 17(2), 25–44. <https://doi.org/10.34024/revbea.2022.v17.13166>

SOARES, Carmem. L. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SOARES, Carmem L. et. al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

## NOTAS

<sup>1</sup> Momento em que o apresentador intensifica os aplausos do público, geralmente ritmados pelo rufar dos tambores.

<sup>2</sup> A autora destacou a importância da luta pela democratização e o papel das entidades sindicais como o ANDES e a FASUBRA e da UNE (MEDEIROS, 2017).

<sup>3</sup> Registramos o compromisso de estudo das referências primárias para estudos posteriores.

<sup>4</sup> Sob a lona, o entendimento de família não se restringe à consanguinidade. O modo de produzir e reproduzir a vida por meio da arte circense permitiu historicamente a incorporação de outros artistas (SILVA, 1996).